

A Teologia do Domínio em Igrejas Neopentecostais da Região Metropolitana de Belém: a Construção Social de Simulacros entre Religião e Política

The Dominion Theology in Neo-pentecostal Churches in Belém Metropolitan Area: the Social Construction of Simulacra Between Politics and Religion

Raimundo Sérgio Farias Júnior¹

Lana Larissa Moreira Braz²

Lienne Moraes e Moraes³

RESUMO

Há um novo tema presente nos debates que envolvem a tensa e sempre contraditória relação existente entre religião e política, trata-se da Teologia do Domínio (TD). Particularmente no Brasil, essa relação ficou cada vez mais perceptível especialmente nos últimos pleitos eleitorais e pelo que parece virá com muito mais força em 2026. Nesse sentido, o presente estudo de natureza qualitativa buscou analisar a construção social de simulacros entre religião e política por meio de lideranças religiosas de igrejas neopentecostais ligadas a TD. Para isso, investigou-se a manifestação da teologia do domínio em igrejas neopentecostais da região metropolitana de Belém e averiguou-se as estratégias de persuasão utilizadas pelas lideranças neopentecostais das igrejas investigadas tendo em vista conquistar o voto dos fiéis/eleitores visando às eleições municipais de 2024. Os resultados indicam um crescimento da TD em diversos campos sociais através do uso de estratégias de persuasão que se intensificam a cada pleito eleitoral.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2002), Mestre em Educação pela UFPA (2007), Doutor em Educação pela UFPA (2014) e Pós-Doutorado pela PUC/SP. Professor Adjunto III da Universidade do Estado do Pará (UEPA), vinculado ao Grupo de Pesquisa LELIT/CNPQ (Linguística, Educação e Literatura), atuando nos cursos de graduação e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR/UEPA). Contato: jrbarcafarias@yahoo.com.br

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (2015-2018). cursou pós-graduação lato sensu em Teorias e Metodologias da Educação Básica pela Universidade do Estado do Pará (2019-2021). Integrante do Grupo de Pesquisa Marxismo, Religião, Política e Educação no contexto amazônico. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. Contato: lanalarissamoreira@gmail.com

³ Especialista em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia. Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará. Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará. Contato: moresemoraeslienne@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Teologia do Domínio; Igrejas Neopentecostais; Lideranças Religiosas; Pleito Eleitoral.

ABSTRACT

There is a new theme present in the debates involving the tense and always contradictory relationship between religion and politics, known as Dominion Theology (DT). Particularly in Brazil, the relationship has become more noticeable, especially in the recent electoral contests and it seems that will come with much more strength in 2026. In this regard, the present study, which is of a qualitative nature, aimed to analyze the social construction of simulacra between religion and politics through the religious leadership of Neo-Pentecostal Churches linked to DT. In this context, the manifestation of dominion theology in neo-Pentecostal churches in the Belém metropolitan area was investigated and the persuasion strategies employed by the leadership of these churches, with the goal of securing the votes of church members and voters for the municipal elections in 2024, were assessed. The results indicate a growth of dominion theology in various social fields through the use of persuasion strategies that intensify with each electoral contest.

KEYWORDS

Dominion Theology; Neo-Pentecostal Churches; Religious Leadership; Electoral Contest.

Introdução

Há um novo tema presente nos debates que envolvem a tensa e sempre contraditória relação existente entre religião e política no cenário brasileiro e internacional. Trata-se da Teologia do Domínio (TD). Particularmente no Brasil, essa relação ficou cada vez mais perceptível especialmente nos últimos pleitos eleitorais, em especial os de 2018, 2020, 2022 e 2024. E pelo que parece virá com muito mais força em 2026.

A TD parte inicialmente de uma passagem bíblica presente em Gênesis 1,28 que diz: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra”. A exegese feita em relação ao termo “dominai”, extraído da supracitada passagem de Gênesis, foi estendida a todos os campos sociais, especialmente a questão secular que envolve o Estado. São, portanto, contrários a laicidade e defensores de um estado teocrático, uma vez que a TD representa uma ideologia política no qual a religião deve dominar a vida pública que deve ser regida com base na interpretação cristã que certos grupos religiosos neopentecostais fazem da Bíblia.

É oportuno considerar que, de acordo com o IPEA⁴, houve um expressivo crescimento de estabelecimentos de igrejas pentecostais e neopentecostais no Brasil nos últimos 20 anos (52% de evangélicos pentecostais ou neopentecostais, 19% de evangélicos tradicionais e 11% de

⁴ Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Crescimento dos estabelecimentos religiosos no país é liderado por igrejas pentecostais e neopentecostais, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14594-crescimento-dos-estabelecimentos-religiosos-no-pais-e-liderado-por-igrejas-pentecostais-e-neopentecostais>.

católicos). Com destaque para a Assembleia de Deus que possui o maior número de estabelecimentos: 14% do total (IPEA)⁵.

Esses dados garantem uma grande audiência às narrativas políticas nos templos religiosos, pois do total de 124.529 estabelecimentos existentes no Brasil em 2021, 52% eram evangélicos pentecostais ou neopentecostais (IPEA)⁶. Em tempos de crescimento da TD isso é muito representativo e também perigoso à democracia, tendo em vista a representação e força política que esses grupos demonstraram ter, especialmente nas últimas décadas.

Considerando o que defende a bancada evangélica no parlamento nacional, devemos nos preocupar no que tange particularmente a pauta moral por eles defendida, como temas que envolvem a questão da legalização do aborto, a redução da maioria penal, a defesa da suposta existência da ideologia de gênero, etc. Sem esquecer que essa bancada sempre atua em conluio com a ruralista (defensora dos interesses do agronegócio) e a da bala (que advoga o armamento civil), mas que se unem para atacar direitos dos trabalhadores, como ocorreu na votação da reforma trabalhista e da previdência, pautada pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Esse artigo, considerando o cenário resumidamente descrito, tem como objetivo geral: a) analisar a construção social de simulacros entre religião e política por meio de lideranças religiosas de igrejas neopentecostais ligadas a TD. E como específicos: 1) investigar a manifestação da teologia do domínio em igrejas neopentecostais da região metropolitana de Belém e 2) averiguar as estratégias de persuasão utilizadas pelas lideranças neopentecostais das igrejas investigadas tendo em vista conquistar o voto dos fiéis/eleitores visando às eleições municipais de 2024.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que buscará a descrição e explicação densa do objeto investigado que, considerando a visão de mundo do pesquisador, procura de forma crítica analisar o objeto investigado e tentando entender o fenômeno considerando a realidade social em que ocorre.

A partir desses pressupostos, o artigo apresenta a seguinte estrutura: uma seção teórica, que aborda resumidamente algumas características do tema da pesquisa; uma seção empírica, que apresentará os resultados de investigação empírica realizada e por fim as considerações finais.

1. Sobre a teologia do domínio

Podemos inicialmente destacar que conforme Rocha⁷ [...] “a tentativa de açambarcar a soberania por forças religiosas vem desde o acolhimento, no Império Romano, do cristianismo em detrimento das religiões pagãs”. Então, não é de hoje que determinados segmentos religiosos se interessam pelo controle do Estado.

Na fase de transição do modo de produção feudal para capitalismo na Europa Ocidental, os iluministas, em sua época, perceberam a importância de advogar a separação entre Estado e Igreja, apontando para um horizonte de um Estado laico. A exemplo disso, a teoria política liberal moderna já defendia que os Estados devam ser seculares, livres, portanto, da influência e hegemonia de alguma doutrina religiosa.

⁵ IPEA, 2023, s/p.

⁶ IPEA, 2023, s/p.

⁷ ROCHA, C. Para entender a perigosa “teologia da dominação”. Entrevista, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/637313-para-entender-a-perigosa-teologia-da-dominacao>.

Nessa linha, quando determinada força religiosa tem como objetivo impor parâmetros específicos de convivência tendo como fundamentos princípios religiosos, estamos diante de uma sociedade que se opõem a laicidade e, portanto, a preceitos democráticos que regulam a vida social, como a liberdade de consciência e religião vigóntes na sociedade contemporânea.

No que tange especificamente a TD verificamos que boa parte de suas características podem ser encontrados no Reconstrucionismo cristão protestante, que foi um movimento fundamentalista cujos alicerces encontram nas reflexões de Rousas Rushdoony. Seus principais baldrames, além de uma orientação pós-milenista (a crença inabalável na volta de Cristo à Terra) estão assentados na ideologia política dominionista (a fé de que os ensinamentos bíblicos devem prevalecer e orientar o governo de uma nação por meio dos legítimos representantes de Deus na Terra).

O termo reconstrucionismo deriva das ideias de R.J. Rushdoony, no sentido de reconstruir a nação e transformar todos os aspectos da cultura a partir de valores cristãos. Para Rushdoony, a educação era tarefa privativa da família, portanto livre da ingerência do Estado. Somente assim, seria possível deter a degradação moral do país.⁸

O Reconstrucionismo recupera os elementos essenciais do calvinismo, em especial seu aspecto ortodoxo, além de sua feição teonomista (lei de Deus) que baseia seus pressupostos na crença de que a Lei de Deus está toda expressada na Bíblia. Assim, defendem a aplicação rigorosa dos preceitos bíblicos na sociedade.

A verve autoritária calvinista é uma característica marcante do Reconstrucionismo. É importante salientar que Calvino conseguiu instaurar em Genebra um governo de inspiração religiosa marcado pelo uso da violência e a instalação de um consistório para julgar os comportamentos individuais de acordo com os preceitos bíblicos.

Outro importante expoente do Reconstrucionismo foi Gary North que era vinculado a Escola Austríaca e defensor ferrenho dos preceitos neoliberais. Ele conseguiu conjugar as ideias do livre mercado aos preceitos cristãos ao defender uma economia baseada nos princípios bíblicos, além de assumir uma postura profundamente conservadora ao condenar o aborto, a homossexualidade e assumindo uma posição anticomunista.

A TD herda boa parte dos fundamentos do Reconstrucionismo. Seus preceitos apontam para a submissão da sociedade a uma ortodoxia bíblica que deve governar o mundo secular. Assim, ela indica o horizonte de seu projeto político que é a fundação de uma distopia teocrática, fundamentalista.

Já temos diversos exemplos de sociedades que se organizaram em preceitos teocráticos (como o Afeganistão, o Irã, a Arábia Saudita, o Paquistão). Em regimes teocráticos quando um grupo religioso comanda o Estado ele passa a controlar e regular os preceitos morais, espirituais, educacionais e culturais que devem imperar na sociedade.

Quando um governo está baseado nos fundamentos de uma determinada religião, as lideranças monásticas que ocupam o Estado passam a utilizar justificativas de natureza religiosa que se materializam no poder instituído.

⁸ PEREIRA, Eliseu. Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo. *Projeto História* (São Paulo), v. 76, p. 147-173, 2023, p. 150.

Na ficção, é oportuno situar o romance distópico de Margaret Atwood, “O conto de Aia” cujo enredo narra uma sociedade em que o cenário é o de um país onde não existem mais jornais, revistas, livros, filmes e nem universidades. Segundo Vasquez⁹, o Conto da Aia estabelece uma profunda relação com a expansão do profascismo no Brasil. Em resumo:

O livro narra um futuro onde, como resultado da exploração desordenada da natureza, o mundo entra em uma crise ambiental com consequências radioativas que, entre outras mazelas, causam infertilidade, ameaçando o futuro da espécie humana. Com vistas a reverter esta situação, um grupo religioso fundamentalista toma o poder do então território dos Estados Unidos da América e o transforma na República de Gilead. Se instaura um governo teocrático e, paulatinamente, os direitos das mulheres são retirados. O discurso do novo governo é claramente fascista: era preciso resgatar a nação da crise em que se afundava e para isso era necessário retornar aos valores da família e reforçar a fé cristã.¹⁰

A referida obra, escrita em 1985, antecipa em grande medida alguns temas que ganham cada vez mais interesses de investigações no meio acadêmico teológico e religioso: o avanço da TD e a emergências de Estados teocráticos e totalitários, em especial após a vitória eleitoral de Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil. De acordo com Cunha:¹¹

Sendo a **Teologia do Domínio** podemos dizer que ela tem uma matriz reformada também chamada **Reconstrucionismo** e uma pentecostal, mais conhecida como **Batalha Espiritual** cuja referência fundacional é o teólogo norte-americano **Charles Peter Wagner**. Simplificando as várias singularidades existentes em suas concepções e aplicações, podemos dizer que a Teologia do Domínio advoga a liderança de cristãos na sociedade em áreas como religião, família, educação, governo, economia, artes e entretenimento¹².

No que tange particularmente o ex-presidente Jair Bolsonaro, a sua aproximação política com os setores mais conservadores do evangelismo brasileiro configura também a aderência a TD que se tornou, segundo Rocha¹³ a alma dos bolsonaristas e tendo em Michele Bolsonaro e Nikolas Ferreira dois dos principais expoentes e divulgadores do projeto político dos dominionistas brasileiros. De acordo com Mello Neto; Silva Júnior:¹⁴

[...] a Teologia do Domínio (a qual pensa o Diabo como origem de todos os males, necessitando ser exterminado da Terra), assim como uma maior liberação de usos e costumes (rompendo com a imagem do evangélico que nega e se afasta das coisas mundanas), propondo-se em confronto aberto com outras religiões (sobretudo as de matriz afro) e buscando imersão na política e na mídia (principalmente televisiva).¹⁵

⁹ VAZQUEZ, Ana. Fascismo e O Conto da Aia: a misoginia como política de Estado. *Revista Katálysis* (Santa Catarina), v. 22, p.597-606, 2019, p. 601.

¹⁰ VAZQUES, 2019, p. 601.

¹¹ CUNHA, Christina. O pânico sobre a Teologia do Domínio e a cegueira sobre a ganância laica, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/637556-o-panico-sobre-a-teologia-do-dominio-e-a-cegueira-sobre-a-ganancia-laica>.

¹² CUNHA, 2024, s/p.

¹³ ROCHA, C. Para entender a perigosa “teologia da dominação”. Entrevista, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/637313-para-entender-a-perigosa-teologia-da-dominacao>.

¹⁴ MELLO NETO, Gustavo; SILVA JUNIOR, Mauricio. A Sedução divina no neopentecostalismo: um estudo psicanalítico. *Revista Mal-estar e Subjetividade* (Fortaleza), v. 10, p. 757-786, 2010, p. 761.

¹⁵ MELLO NETO; SILVA JÚNIOR, 2010, p. 761.

Considerando essa informação, é oportuno lembrar a imagem da ex-primeira Dama, Michelle Bolsonaro, em plena campanha para a reeleição de Jair Bolsonaro afirmar que era preciso tirar o demônio do poder, uma clara referência ao candidato adversário, Luis Inácio Lula da Silva, sendo que quem ainda comandava a presidência era o seu marido.

Desse modo, era necessário tirar o diabo do poder para que os ungidos do Senhor viessem a dominar o poder político. Só assim seria possível a materialização da Bem-aventurança prevista no Salmo 33: 12: “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”.

Nesse bojo, conforme expõe Cunha¹⁶ Michelle Bolsonaro, ao misturar religião e política, tem como intenção a suposta dominação do bem, representado pelo o ungido (Jair Bolsonaro), que derrotaria os espíritos malignos na ilusória batalha espiritual que estaria sendo travada com setores do mal, em grande parte representados no conjunto de partidos políticos de orientação esquerdista.

Medeiros; Vianna¹⁷, ao refletirem sobre a teologia do domínio e alguns dos seus desdobramentos psicológicos, sociais e políticos no Brasil, entendem que a TD se afasta dos pressupostos básicos de um regime democrático, uma vez que:

[...] seus defensores parecem desejar o retorno de regimes autoritários, castradores e cerceadores das liberdades alheias, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, abraçam, junto aos políticos da extrema-direita, um discurso irresponsável de defesa das liberdades individuais, que desaguam no direito de não tomar vacina, por exemplo, e na incapacidade de distinguir o crime da liberdade de expressão.¹⁸

“É possível falar de um projeto de poder evangélico no Brasil?” É a questão que Casarões¹⁹ problematiza e que para ele se assenta na combinação de três elementos 1) a expansão demográfica de pessoas que se identificam com a fé evangélica; 2) a crescente politização de temas sobre costumes e 3) a ampliação de lideranças evangélicas com mandato eletivo.

Ainda que não se seja correto e adequado generalizar o termo evangélico, o que problematizamos aqui é a aderência (consciente ou não) aos alicerces religiosos e teológicos expostos pela TD, que atualmente representam um projeto de poder de uma nação evangélica de cunho teocrático e de ameaça ao regime democrático.

Cabe, pois, por mais difícil que pareça, problematizar os fundamentos desse projeto visando o esclarecimento do que realmente está por trás desse projeto de poder e real perigo ao regime democrático estabelecido (sem escamotear as características moribundas de nossa combalida democracia burguesa).

2. Materiais e método

Procurando manter o rigor metodológico no tratamento dos dados (teóricos e empíricos) a pesquisa efetivada se orientou pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, tendo em vista a

¹⁶ CUNHA, 2024, s/p.

¹⁷ MEDEIROS, Renata; VIANNA, José. A teologia do domínio e alguns dos seus desdobramentos psicológicos, sociais e políticos no Brasil. *REAL – Repositório Institucional* (Rio de Janeiro), v. 1, p. 1-25, 2022, p.17.

¹⁸ MEDEIROS; VIANNA, 2022, p. 17.

¹⁹ CASARÕES, Guilherme. Religião e poder: a ascensão de um projeto de “nação evangélica” no Brasil? *Interesse Nacional* (São Paulo), n. 13, p. 9-16, 2020. p. 9.

obtenção de informações aprofundadas e que permitam a descrição e análise dos dados do objeto de investigação, em conformidade com Flick²⁰ e Creswell²¹. Nessa linha, o artigo se estruturou para obtenção de uma apreciação detalhada dos fenômenos que abrangem o objeto investigado.

Visando alcançar os objetivos estabelecidos para esse artigo, essa pesquisa se organizou em duas etapas: a primeira de natureza bibliográfica. Essa foi realizada, basicamente em artigos da base *Scielo* nos últimos 10 (dez) anos, além da consulta a outros meios de acesso à informação acadêmica, tendo em vista a construção de elementos teóricos que subsidiassem a interpretação das informações que seriam coletados na segunda fase: a pesquisa empírica.

A segunda fase teve como *locus* uma pesquisa de campo efetivada junto a igrejas neopentecostais da região metropolitana de Belém por meio de observação direta nos cultos. A observação ocorreu em 4 (quatro) igrejas de orientação neopentecostal localizadas nos bairros mais populosos da cidade de Belém (Guamá, Pedreira, Marambaia e Tapanã) ocorridos nos meses de agosto, setembro e outubro de 2024, ano de eleições municipais e que os sermões de cunho político ganham maior presença nas oratórias dos dirigentes das igrejas. Priorizamos, participar sempre de cultos celebrados pelo mesmo pastor, tendo em vista a melhor organização da sistematização analítica dos dados coletados.

No total, participamos de 20 (vinte) cultos, sendo 5 (cinco) em cada igreja selecionada para o campo amostral de investigação. A observação direta exigiu a presença física dos pesquisadores no local de observação, situação que favoreceu uma interação direta com o objeto de investigação.

No que tange especificamente a observação adotamos os seguintes critérios, recomendados por Flick²²: a) a seleção do ambiente; b) a definição do que seria observado e c) observações descritivas, focais, seletivas. Além disso, elaboramos um roteiro estruturado de observação que continha os itens a serem observados.

De posse do material coletado, realizamos a análise de conteúdo proposta por Bardin²³ que seguiu os seguintes passos: a) pré-análise (composta da leitura flutuante e formulação de indicadores; b) exploração do material, onde se constituem as categorias analíticas e c) tratamento e interpretação dos resultados.

Coerente com os fundamentos da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), definimos os critérios para categorização dos dados coletados considerando os seguintes aspectos: a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade, a fidelidade e a produtividade. Assim, chegamos nas seguintes categorias: a) temos que expulsar o diabo da política; b) o demônio vai dominar o país; c) feliz é a nação cujo deus é o senhor e d) vamos ganhar o brasil para o senhor Jesus.

Tendo em vista a validação da pesquisa, seguimos a orientação que indicam Cho; Trent²⁴ que as pesquisa qualitativas podem seguir a proposta de validação transformacional, pois,

²⁰ FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução: Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artemed, 2009.

²¹ CRESWELL, John. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artemed, 2010.

²² FLICK, Uwe, 2009, p. 29.

²³ BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 95.

²⁴ CHO, Jeasik; TRENT, Allen. Validity in qualitative research revisited. United Kingdom: *Qualitative Research Journal*, 2006. v. 6, p. 319-340.

ancora os objetivos da pesquisa a tradição interpretativa e visa a aproximação de valores como justiça social e ética.

Por questões éticas, omitimos a identificação exata das igrejas onde a coleta de dados ocorreu e também a das lideranças religiosas encarregadas das pregações, que serão identificadas por numeração romana simples (I, II, III e IV). De acordo com a Resolução nº 510/16²⁵ que dispõe sobre as normas aplicadas a pesquisa em ciências humanas e sociais, não serão registradas e nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP, pesquisas de opinião pública com participantes não identificados.²⁶

3. A construção social de simulacros entre religião e política por meio de lideranças religiosas de igrejas neopentecostais ligadas a TD

3.1. O processo de observação direta

Iniciamos o processo de observação na primeira semana de agosto de 2024 e encerramos na última semana que antecedeu o segundo turno das eleições municipais em Belém. Desse modo, conforme Feriani *et al*²⁷, o processo de observação é considerado importante para o pesquisador. A aplicação de sentidos humanos tendo em vista obter informações sobre determinados aspectos da realidade, sendo, pois, um instrumento que permite conhecermos acontecimentos e fenômenos.

Organizamos o roteiro de observação levando em consideração os seguintes aspectos a) o momento em que a liderança religiosa entra em assuntos políticos; b) expressões que podem ser associadas ao contexto político eleitoral; c) estratégia vocabular empregada para apresentar candidatos e candidaturas apoiadas pela liderança religiosa.

Adotamos alguns procedimentos no tocante a observação: 1) está presente do início ao fim do culto; 2) manter a regularidade de presença ao culto; 3) assistir, de preferência a pregação do mesmo pastor; 4) evitar qualquer anotação de campo ou uso de celular durante a pregação. Elegemos a regra de o mais breve possível anotar e transcrever todas as informações observadas, procurando, assim, evitar perda de registros significativos.

A estratégia metodológica de realizar a pesquisa empírica em 4 (quatro) *locus* diferentes se deu primeiro por conta da pretensão inicial de diversificar o grupo de informantes, conforme orienta Michelat²⁸. No entanto, após a leitura flutuante, identificamos que o conjunto de dados coletados não apresentou diferenças significativas entre os espaços em que as informações foram levantadas.

²⁵ Conforme Resolução: Brasil. Resolução nº 510. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília), p. 1-10, 2016. p. 1.

²⁶ Art. 1º “Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: I – Pesquisa de opinião pública com participantes não identificados;”

²⁷ FERIANI, Gabriela et al. A prática da observação sistemática para a formação do (a) psicólogo(a): relato de experiência. *Aletheia* (Canoas), v. 54, p. 157-164, 2021. p. 158.

²⁸ MICHELAT, Guy. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Livraria e Editora Polis LTDA, 1987. p. 191-212.

3.2. A manifestação da teologia do domínio em igrejas neopentecostais da região metropolitana de Belém

Inicialmente é importante frisar a utilização de uma eficiente estratégia de persuasão utilizada no campo político: criar inimigos. Conforme assinala Citelli²⁹ a criação de inimigos (mais ou menos imagináveis) implica em apontar os defeitos do outro com o propósito de substituí-lo. Além da criação de inimigos é importante o apelo à autoridade, a afirmação e repetição, bem como o uso de estereótipos. Durante a participação nos cultos, conseguimos perceber o emprego dessas estratégias de persuasão durante a pregação, em especial quando envolviam questões pertinentes ao período eleitoral de 2024.

Apresentamos, inicialmente, uma expressão que foi evocada diversas vezes pelos líderes espirituais durante a celebração do culto: “Podemos contar com a sua oração para termos uma representante na Câmara Municipal?”. E a justificativa era semelhante:

Precisamos ter homens de Deus no parlamento (I)
Deus precisa tá representado naquela casa (a Câmara Municipal) (II)
Precisamos ter homens de Deus e expulsar de lá quem não é de Deus (III)
Deus tem que governar aquele espaço (a Câmara Municipal) (IV)

Em resumo, só é de Deus, quem congrega na minha igreja. Isso impele expulsar de lá quem não é, pois esses se orientam contra a divindade. Então é necessário colocar homens de Deus pra legislar no lugar daqueles que supostamente são contra o onipotente.

Trata-se de uma batalha espiritual que é travada pelos ungidos contra os não ungidos pelo Criador. Só que essa batalha extrapola agora o âmbito espiritual e se manifesta no campo político. É necessário, pois trata-se de “defender o povo escolhido da qualquer presença pernicioso”.

É cogente lutar, inclusive no âmbito político, contra aqueles que querem “Destruir os lares da família”. Assim, os fiéis devem assumir o compromisso perante a igreja que irão “escolher representantes que defendam a sociedade da interferência maligna dos inimigos de Deus” (IV). Como observamos, os fiéis devem se preparar para uma “guerra espiritual que começa na mente de cada um”, uma vez que “o inimigo está se apossando do Estado” (II).

Nesse sentido, os fiéis são convidados a conflagrar uma guerra santa contra inimigos imaginários, supostos inimigos dos valores e morais cristãos na ótica neopentecostal e da TD. Em nenhum momento da pregação das lideranças cristãs e a observação realizada durante os 16 (dezesesseis) cultos foi tratada de demandas sociais que abordassem o desemprego, a fome, a falta de saneamento básico e saúde. Como se essas questões não tivessem presente na realidade social da maioria dos que frequentam o culto. Essa situação foi expressada da seguinte forma:

Temos que encher aquela casa (a Câmara Municipal) de ungidos do Senhor (I)
Essa é a tarefa mais importante: eleger representantes da Igreja nas eleições (II)
Esse ano nada é mais importante que defender os valores cristãos nas eleições (III).
Nenhum cristão deve pensar em outra coisa. E a coisa que mais importa e eleger nossos representantes (IV).

²⁹ CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 1-78.

Em síntese, pouco significa os problemas sociais (e mesmo espirituais) que podem tá atormentando a vida do fiel, uma vez que a tarefa que mais importa nesse momento é eleger os emissários da igreja nas eleições proporcionais (para vereadores).

E ainda que a igreja não tenha candidaturas no pleito majoritário (para escolha do prefeito) ligado diretamente ao campo religioso, é oportuno escolher candidatos que defendam os valores cristãos. E nenhum deles deve tá associado à esquerda e as pautas que em tese ela defende, pois, ao escolher o candidato a prefeito, é importante observar alguns pontos:

Não deve ser da esquerda (I)

Não pode tá alinhado com o presidente da república (II)

Jamais votar em partidos como PT, PSOL... (III).

Nunca vote num candidato que defendam o aborto, o feminismo, o comunismo (IV).

Importa, pois, trabalhar um processo insistente de alienação social e assim tentar garantir a aceitação dos preceitos da TD. Sabemos que esse processo de inculcação ideológica não é mecânico e que os sujeitos podem desconfiar dessa violência simbólica e assim urdir outras interpretações e posicionamentos sociais, inclusive contrários à imposição dos valores religiosos propagados por sua crença. Mas é algo que não ocorre corriqueiramente.

Nessa linha, Barros; Silva; Santos³⁰, ao esboçarem uma crítica da alienação religiosa, expressam que, na tradição marxista, a religião representa uma das manifestações da alienação e está em consonância com a reprodução dos interesses prevalecentes na ordem burguesa. Nessa linha:

As diversas manifestações das alienações fazem com que os seres humanos não tomem consciência da sua realidade, não percebam as raízes das diversas formas de opressão existentes, o que limita a compreensão da gênese e da reprodução da dinâmica de uma sociedade dividida em classes sociais antagônicas. Sendo assim, a alienação é um fenômeno que cumpre a função social de limitar as potencialidades de conhecimento, com amplos complexos sociais que dela derivam que reproduzem diferentes graus e formas de alienação, formas essas oriundas, essencialmente, da produção e reprodução das relações sociais que ele estabelece ao longo de sua existência.³¹

Em epítome, a manifestação da teologia do domínio em igrejas neopentecostais da região metropolitana de Belém, em particular nos espaços onde se desenvolveu a pesquisa empírica desse artigo, expressa um intenso e violento processo de inculcação ideológica. Não atinge a totalidade dos indivíduos, mas é hegemônico e apresenta uma robusta aderência social naqueles que participam dos cultos.

Não se trata apenas de ópio (como certa vez afirmou Karl Marx³²). É algo muito mais elaborado, organizado, orgânico e politicamente em reciprocidade com pautas sociais vinculadas a visão de mundo da extrema direita.

Na TD, a religião representa algo que vai além de um efeito analgésico, narcótico ou hipnótico. Por meio da uma abusiva estratégia de persuasão, a TD tem como horizonte a

³⁰ BARROS, Albani; SILVA, Natanna Santos; SANTOS, Rejane Farias. Apontamento sobre a crítica de alienação religiosa. *Ciências Humanas e Sociais* (Alagoas), v. 5, p. 103- 116, 2019, p. 104.

³¹ BARROS; SILVA; SANTOS, 2019, p. 104.

³² MARX, Karl. *A crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 151.

propagação de um projeto político de um Estado teocrático, inspirada num modelo de supremacia religiosa, tal como esboçado pelos dominionistas Norte-Americanos Até onde podem ir? Ainda é algo muito incerto, mas nem por isso menos perigoso.

Se a teologia da prosperidade estava muito mais empenhada em recompensas materiais e espirituais àqueles que aceitassem Jesus como salvador (baseada numa relação de correspondência entre fé e recompensa), na TD fica escrachada um projeto político de estabelecimento de um Estado teocrático, o que configura como uma missão e responsabilidade sagrada, visando o domínio de todas as esferas da vida social.

3.3 As estratégias de persuasão utilizadas pelas lideranças neopentecostais das igrejas investigadas tendo em vista conquistar o voto dos fiéis/eleitores visando as eleições municipais de 2024

3.3.1 “Temos que expulsar o diabo da política”

De acordo Pena-Alfaro³³, por se tratar de uma prática social, podemos caracterizar, o discurso religioso como uma prática discursiva encarregada em difundir um sistema de crenças e valores éticos, morais e espirituais que exprimem visões de mundo, os quais são transmitidos, validados e legitimados por meio de práticas sociais no interior de uma dada instituição religiosa entre os membros participantes ou por outros fora dela, objetivando encontrar adesão das pessoas.

Moreira³⁴, ao investigar as estratégias discursivas de persuasão presentes no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, verificou que “Não basta propagar a fé: ela tem que ser consolidada na vida do fiel, e deve fazer parte de sua personalidade”. Em períodos de pleitos eleitorais, a tática de persuasão fica ainda mais intensificada. Os eventos religiosos dos quais participamos na pesquisa empírica eram cada vez mais destinados a temas políticos e na divulgação dos candidatos apoiados pela igreja.

Se outrora a teologia da prosperidade atendia a necessidade teológica majoritária de segmentos religiosos ligados a pentecostais e neopentecostais, a TD, atualmente, traduz um refinamento e aprimoramento dos preceitos teológicos que exprime que a prosperidade não é o suficiente, mas a tomada do poder em nome do Deus.

Nesse bojo, constatamos que em praticamente todos os cultos foi possível anotar que uma estratégia de persuasão que obteve êxito durante as pregações estava representada na expressão: “Temos que expulsar o diabo da política” proferida inúmeras vezes durante a cerimônia religiosa pelo líder pastoral e também repetida por muitos fiéis.

Segundo Souza; Abumanssu; Leite Júnior³⁵ a figura do Diabo sempre foi usada pelos neopentecostais como algo muito nefasto e que estava associada uma “[...] influência negativa

³³ PEÑA-ALFARO, A. Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neo-pentecostal. 238f. Tese de Doutorado (Pernambuco), UFPE, 2005.

³⁴ MOREIRA, Ana Paula. Estratégias discursivas de persuasão no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise sistêmico-funcional. 126f. Dissertação de Mestrado (Rio de Janeiro), UERJ, 2010.

³⁵ SOUZA, André; ABUMANSUR, Edin; LEITE JÚNIOR, Jorge. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais. *Horizontes Antropológicos* (Rio Grande do Sul), v. 25, p. 385-410, 2019. p. 386.

sobre pessoas, sendo também responsável pelo não pagamento de dízimos³⁶. Ainda de acordo com Abumanssu; Leite Júnior³⁷:

Algumas igrejas costumam ainda demonizar organizações e indivíduos tipificados por elas como adversários nos campos: religioso, econômico, midiático e político, sendo que quando alguns de seus representantes parlamentares são fortemente acusados de corrupção, estes acabam também por sofrer diabolização seguida de descarte institucional.³⁸

Embora, no catolicismo ocidental a figura do Diabo também esteja associada a um conjunto de significados de coisas ruins, requerendo, inclusive, em determinadas situações a rituais de exorcismo, nas igrejas evangélicas, em particular as de orientações pentecostais e neopentecostais, se propagou com significativa intensidade.

Se o Diabo, como acredita o cristianismo, de um modo geral, representa a personificação do mal e se ele está presente na política, cabe aos cristãos a tarefa de expulsá-lo das esferas da administração pública, uma vez que o príncipe das trevas é o responsável pelas pautas que envolvam a questão da igualdade de gênero, aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo biológico e ao feminismo. Pautas, inclusive, defendidas pela bancada evangélica e também pelas bancadas ruralista e armamentista, onde o pensamento ultraconservador da extrema direita se manifesta com extraordinária veemência.

Aliás, nos cultos acompanhados durante a realização da pesquisa empírica, o nome do Diabo é proferido com muito mais frequência do que o de Jesus. O chefe dos demônios teria se apossado do Estado e por esse motivo seria necessária sua expulsão a qualquer custo, sendo uma tarefa que deveria ser cumprida por todo crente de verdade.

Crete que não vota em crete não merece ir para glória (I)
 Ou se vota pra expulsar o demônio ou você tá contente com ele por lá (II)
 Você nem deveria mais vim para o culto se você não escolhe um ungido (III).
 Tá chegando a hora de você confirmar que quer o Diabo longe de nossas vidas (IV).

A emblemática ilustração do Diabo no cristianismo tradicional sempre assustou os seguidores de Jesus Cristo. Assim, “Na medida em que a política é puramente uma luta pelo poder, ela é por definição, em categorias da fé cristã, o domínio do diabo” (Kolakowski³⁹). E nessa luta pelo poder os cristãos são compelidos a enfrentar a batalha espiritual que estaria sendo travada no campo político.

A expulsão do Diabo do poder estaria em conformidade com os propósitos da TD e abriria as possibilidades para os ungidos do Senhor ocuparem a arena política e desse modo impediria que o demônio, geralmente caricaturado em setores vinculados a ideias progressistas e esquerdistas, debelasse os propósitos dos representantes de Deus na terra, os dominionistas.

A narrativa dessa visão teocrática ia se exacerbando na medida em que aproximava a data das eleições municipais de 2022. Sem rodeios, os pastores eram cada vez mais incisivos nas

³⁶ SOUZA; ABUMANSU; LEITE JÚNIOR, 2019, p. 386.

³⁷ SOUZA; ABUMANSU; LEITE JÚNIOR, 2019, p. 386.

³⁸ SOUZA; ABUMANSU; LEITE JÚNIOR, 2019, p. 386.

³⁹ KOLAKOWSKI, Leszek. A política e o Diabo. *Revista da USP* (São Paulo), n. 6, p.29-38, 1990. p. 29.

abordagens discursivas. Nesse sentido, algo mais contundente deveria ser feito pra evitar que o Diabo continuasse a dominar o país.

3.3.2 *Feliz é a nação cujo deus é o senhor?*

“Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor! Em defesa da vida, da família, da moral, dos bons costumes, contra a corrupção e não desistindo do Brasil, meu voto é sim” (Pastor Eurico, PHS-PE). E foi assim que muitos deputados federais evangélicos justificaram o voto favorável ao impeachment de Dilma Rousseff em 2016.⁴⁰

Pastor Eurico pertence a Frente Parlamentar Evangélica que apoiou vigorosamente Bolsonaro nos pleitos eleitorais de 2018 e 2022, além da forte adesão aos projetos apresentados pelo ex-presidente no parlamento, em especial as reformas trabalhistas e da previdência. A referida frente parlamentar, inspirada em grande medida nos preceitos da TD, acredita que chegou a hora de “ganhar o Brasil para o Senhor Jesus”. E isso pressupunha tirar do poder Satanás e seus representantes para que a nação pudesse ser feliz.

Nessa linha, como uma nação seria feliz presidida pelo Demônio? Então essa seria uma condição para garantir a felicidade do país. E para isso era necessário que cada crente assumisse o compromisso de votar apenas nos ungidos pela igreja. Essa colocação pode ser percebida nos seguintes fragmentos:

Você quer que o povo brasileiro seja feliz? Então não vote em candidatos não indicados pela igreja (I)

Como nossa nação será feliz com tanto representante do diabo ocupando o estado e impondo a ditadura deles? (II)

Jesus não pode esperar. Nossa nação não pode esperar. Nossa nação é dele. E cada irmão tem que fazer a sua parte (III)

Nossa nação tá tendo a oportunidade de ser feliz. E a tarefa de todo crente de verdade é votar nos candidatos da igreja. (IV).

Além do apelo para que os crentes que frequentavam os cultos votassem apenas em candidatos supostamente ungidos pela igreja, havia também a insinuação a profecia apocalíptica referente aos Sete Montes que alude aos sete campos sociais onde os cristãos devem manifestar o Reino de Deus, a saber: religião, educação, família, governo, economia, artes/celebração e entretenimento.

O governo, então, se apresenta como um campo fundamental para a Nação ser feliz. Por isso precisa ser dominado pelos ungidos. E essa é uma premissa indispensável para o projeto político da TD. Assim, todos os campos são importantes, mas a dominação do Estado pelos designados pelo Senhor tem prioridade na presente conjuntura.

O evangelista Enlow⁴¹, em obra bastante vendida e lida pelo público pentecostal e neopentecostal, tendo por base a profecia apocalíptica das sete montanhas, acredita que as nações ungidas pelo Senhor experimentarão em elevado nível de transformação que ocorrerá nas próximas décadas em cada uma das sete esferas até o ano 2050.

⁴⁰ “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor” (Salmos 33,12) foi um salmo proferido em um contexto social de um governo monárquico que frequentemente entrava em guerras com outras nações e ocasionando a morte de muitos soldados.

⁴¹ Enlow, Johnny. *O Renascimento Dos Sete Montes*. Distrito Federal: Editora Chara, 2018.

Trata-se de uma grande batalha que será travada em cada campo social que os valores religiosos expressos pela TD devem vigorar. Não é qualquer religião, educação, família, governo, economia, artes/celebração e entretenimento, mas apenas aqueles que estejam em total sintonia com os preceitos dominionistas.

A supracitada profecia apocalíptica serviu de inspiração para justificar o voto dos crentes nos escolhidos pela igreja para representar o projeto cristão de poder na perspectiva da TD. Sobre isso é importante verificar os trechos das narrativas a seguir:

Sejamos o povo das promessas dos Sete Montes pra nossa Nação prosperar (I)
 Se nós queremos um governo próspero é preciso desde já escolher representantes fieis ao projeto de Deus na terra e em nossa nação (II).
 Antes da profecia do juízo final se cumprir haverá de termos prosperidade (III).
 Que cada irmão sinta a prosperidade que iremos experimentar se escolhermos os verdadeiros representantes da igreja de Cristo nessas eleições (IV).

Se aquele que não aceita Jesus como seu salvador estará fadado a passar a eternidade no inferno, algo semelhante ocorrerá com a Nação que não permitir que o Estado seja dominado pelos ungidos da igreja.

De um modo geral, a estratégia discursiva aparentemente era o de estimular a estigiofobia (temor intenso e irracional de ser condenado ao inferno ou sofrer punições por toda eternidade): “Se não está com Deus está com o Demônio” (II); “O irmão tem que decidir e a hora é essa: Deus ou o Diabo” (III).

A estratégia das lideranças religiosas das igrejas em que a pesquisa empírica foi realizada é clara: é preciso ganhar o Brasil para o Senhor Jesus. E nesse bojo, a persuasão ganha contornos mais específicos. É preciso derrotar um suposto adversário representado pelos setores políticos associados à esquerda brasileira.

Trata-se de uma “psicologia das massas” Freud⁴², onde o esforço persuasivo da liderança religiosa organizava sua pregação buscando um enlaçamento sobre a identificação de um grupo em relação a liderança de sua pessoa, que seria o único e verdadeiro ungido do Senhor. Em concordância com Freud entendemos que:

Com frequência o líder necessita apenas possuir [...] atributos típicos desses indivíduos e dar a impressão de enorme força e liberdade libidinal; então vai ao seu encontro a necessidade de um forte chefe supremo, dotando-o de um poder tal que ele normalmente não poderia reivindicar. Os outros, cujo ideal de Eu, de outro modo, não se teria corporificado sem correções na sua pessoa, veem-se então arrebatados, isto é, por identificação.⁴³

Na “Psicologia das massas”, Freud⁴⁴ expõe claramente que há uma identificação com o líder autoritário e que as regras devam ser cumpridas para que não haja punições. Conforme apresenta Martins⁴⁵, o medo constitui uma fonte de persuasão, manutenção e crescimento do neopentecostalismo.

⁴² FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. Vo. 15. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.

⁴³ FREUD, 2011, p.93.

⁴⁴ FREUD, 2011, p. 14.

⁴⁵ MARTINS, Eduardo. O medo como fonte de persuasão, manutenção e crescimento dos neopentecostais. *Revista Kínesis* (São Paulo), v. 1, p. 22-34. 2009, p.23.

Assim sendo, de um modo geral, as instituições religiosas, tendo em vista fortalecer os processos de legitimação e manutenção da dominação, utilizam a estratégia do fortalecimento do medo, da culpa e do castigo. Então, “Se Deus não é o Senhor de nossa nação estamos destinados e fenecer e no futuro o que nos aguarda não é a eternidade da paz celestial” (III).

Por isso, segundo as lideranças religiosas da TD, compete a cada irmão “ganhar o Brasil para o Senhor Jesus”. É um poder de persuasão que acaba tendo a aderência de uma população que assiste a tudo de forma anestesiada e cuja identificação parece ser absoluta, o que preocupa e assusta a quem assiste e não está familiarizado com esse ritual.

3.3.3 “Vamos ganhar o Brasil para o Senhor Jesus”

A experiência de modelos teocráticos não é recente na história da humanidade e quase sempre remetem a governos totalitários. Segundo Voltaire⁴⁶, a maioria das antigas nações vivenciou experimentos de governantes que se denominavam representantes de Deus. Um exemplo bastante conhecido é a figura do faraó do antigo Egito, que uma das suas funções era ser intercessor entre as divindades e o povo.

No Brasil, a participação de algumas denominações evangélicas com a política partidária não é tão recente e teve durante a ditadura militar de 1964 um momento de grande engajamento evangélico de apoio ao regime estabelecido em nosso país.

De 1980 em diante, a preocupação e participação evangélica com a política cresceu exponencialmente. Nesse sentido, preocupados em garantir a representação de seus princípios religiosos na Constituição de 1988, muitos grupos evangélicos advogavam a necessidade de irmão votar em irmão Sylvestre.⁴⁷ Estava lançada no Brasil a semente da TD em nosso país.

Na Nova República, iniciada após o fim da ditadura militar de 1964, tivemos a eleição de 32 deputados evangélicos para a assembleia nacional constituinte (Pierucci, 1996). Atualmente a Frente Parlamentar Evangélica conta com 220 Deputados Federais e 26 senadores.⁴⁸

Hoje, podemos dizer que esse grupo parlamentar tem significativa força política no âmbito federal, estadual e municipal. E lideranças religiosas sabem utilizar um poder de persuasão que em grande medida convencem os fiéis de seus templos, pois:

Chegou a hora de ganhar Belém, o Pará e o Brasil para Jesus (I).

Nada impedirá a vitória do Senhor e de seus ungidos (II).

Nossa cidade será do Senhor. As forças do mal não irão prosperar em nossa cidade (III).

O que não é de Deus é do diabo. E Belém não é dele. Belém é do Senhor (IV).

As eleições municipais são fundamentais para um projeto eleitoral nacional, uma vez que vereadores e prefeitos representam uma importante base política visando o futuro. A lei da semeadura: semear algo hoje para ter o que colher amanhã.

E quanto mais se aproximava o dia do pleito eleitoral, as estratégias de persuasão ficavam mais intensas. Na entrada dos Templos, presenciamos a distribuição de “santinhos” dos

⁴⁶ VOLTAIRE, François. *Deus e os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

⁴⁷ SYLVESTRE, Josué. *Irmão vota em irmão: os evangélicos, a constituinte e a Bíblia*. Brasília: Pergaminho, 1986.

⁴⁸ Conforme requerimento de 1646/2023 da Câmara Federal. Disponível em: [//efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/54477-integra.pdf](https://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/54477-integra.pdf).

candidatos da igreja, algumas vezes o próprio pastor, antes de iniciar o culto, também exercia o papel de distribuidor da propaganda.

E durante os cultos, já as vésperas da eleição, pouco se falava de temas religiosos. A pregação se concentrou em defender os candidatos, tanto ao pleito proporcional quanto ao majoritário, ungidos pela igreja. Os interesses políticos dos dirigentes religiosos eram mais importantes do que qualquer outra coisa naquele momento.

Ademais, os únicos ungidos e merecedores do voto dos fiéis deveriam ser exclusivamente os indicados pelo Pastor. Uma perspectiva dos dominionistas reside justamente na promoção de uma suposta supremacia religiosa. O que pode ser verificado nas seguintes afirmações:

- Nós somos os escolhidos. O povo ungido (I).
- Vote nos candidatos de nossa igreja. São os únicos que representam a igreja nessas eleições (II).
- Ninguém irá representar o projeto de Cristo. Só nossos irmãos (III).
- Escolha certo. Escolha os que representam os valores da nossa igreja (IV).

A supremacia religiosa é uma característica distinta da TD. Segundo Aguiar⁴⁹, considerar-se o escolhido decorre da herança evangélica que separa convertidos e não-convertidos. Assim, os abençoados seriam separados daqueles que não seriam. Aos ungidos tudo e aos que não são nada.

Ganhar o Brasil para Jesus mantém a reciprocidade com a questão dessa suposta supremacia religiosa que distinguiria os abençoados dos amaldiçoados. Era preciso afastar do poder político os malditos e suas ideias que destruiriam os valores da tradicional família brasileira cristã.

Nessa ótica da TD, tendo em vista o cumprimento da profecia apocalíptica dos Sete Montes, é fundamental criar um governo dos ungidos plenamente identificados com a visão de mundo dominionistas e isso passa pela criação de partidos, eleição de bancadas de cunho evangélica em todas as esferas de poder que confessem a fé cristã, inspirada nos valores da TD, ou aceitem ser ferramenta a serviço desse tipo de visão religiosa e teológica.

Então ganhar o Brasil para Jesus é parte do projeto político da TD e ele vem crescendo extraordinariamente nas últimas décadas em quantidade (número de parlamentares nas diversas instâncias administrativas do poder público), mas nem tanto em qualidade, uma vez que a compreensão tosca, pueril, superficial, anacrônica, negacionista, anticientífica são características presentes em seus discursos, principalmente quando apregoado nos púlpitos e nos parlamentos por seus representantes nas esferas de poder estatal.

Para Rocha⁵⁰, a participação de pentecostais e neopentecostais na arena política, orientada pela TD, está em harmonia com a tese dominionistas que entende que os escolhidos deveriam ter domínio sobre toda a Terra, seus recursos e suas instituições. E isso vem sendo semeado em cada pleito eleitoral e ganhando espaço e aderência em diversos campos sociais.

Segundo Casarões⁵¹, no horizonte político dos adeptos da TD está a ocupação do governo enquanto estratégia que visa a dominação de outros espaços sociais e caminha com a cumplicidade

⁴⁹ AGUIAR, Reinaldo. O Deus é mais: a supremacia da fé evangélica na ótica dos atletas de cristo. *Revista Brasileira de História das Religiões* (Maranhão), v. 3, p. 229-252, 2011. p. 242.

⁵⁰ ROCHA, Daniel. “Faça-se na terra um pedaço do céu”: perspectivas messiânicas na participação dos pentecostais na política brasileira. *Perspectiva teológica* (Belo Horizonte), v. 52, p. 607-632, 2020. p. 621.

⁵¹ CASARÕES, 2020. p. 10.

da direita e extrema direita irmanada por uma agenda fundamentalista cristã cujos preceitos elementares supostamente estriam presentes na Bíblia.

Não abordaremos no espaço desse artigo os pormenores que explicariam as razões que justifiquem esse crescimento da presença da TD na sociedade (não apenas a brasileira) e seu projeto de instalação de um regime de inspiração teocrática. Mas é importante lembrar que alguns dos pilares da democracia são a liberdade de expressão e de livre manifestação religiosa. E isso não cabe no horizonte político da TD, muito menos numa organização societal inspirada em qualquer tipo de crença religiosa ou teológica.

Considerações finais

O presente artigo objetivou analisar a construção social de simulacros entre religião e política por meio de lideranças religiosas de igrejas neopentecostais ligadas a TD. Para isso, investigou-se a manifestação da teologia do domínio em igrejas neopentecostais da região metropolitana de Belém, bem como averiguou-se as estratégias de persuasão utilizadas pelas lideranças neopentecostais das igrejas investigadas tendo em vista conquistar o voto dos fiéis/eleitores visando às eleições municipais de 2024.

Como apontado na pesquisa, a TD é utilizada enquanto estratégia de persuasão no campo político. Uma das intenções consiste em criar inimigos a partir do uso de estereótipos, pois estes não são vistos como homens de Deus, sobretudo por não congregarem nas igrejas investigadas. Dessa forma, há uma batalha do bem contra o mal que se amplia do campo espiritual para o político, e, portanto, torna-se necessário eleger uma representação política e religiosa no lugar daqueles que são contra o onipotente.

Além disso, as estratégias de persuasão se fundamentam em discursos que impõem o medo. Cabe aos fiéis assumir o compromisso de lutar em favor do povo escolhido votando em representantes que defendam a sociedade dos inimigos de Deus, pois não estão de acordo com os valores e morais na ótica neopentecostal e da TD. Nessa perspectiva, os discursos não abarcam demandas sociais sobre desemprego, a fome, a falta de saneamento básico e saúde, ou propostas de melhorias para essas áreas. As pregações enfatizam a tarefa mais importante do cristão, não devendo ele pensar em outra coisa a não ser eleger representantes políticos para ocuparem cadeiras no legislativo. Ainda que as igrejas não possuam candidaturas no pleito ligado diretamente ao campo religioso, os fiéis devem se aliar aos candidatos que não estejam associados ao campo da esquerda ou levarem bandeiras de pautas sociais relacionadas ao feminismo, homofobia, aborto, comunismo, etc.

Com base nisso, a alienação social gerada a partir dos preceitos da TD ocorre em um processo de violência simbólica, impondo valores religiosos, interpretações morais e posicionamentos sociais para a reprodução dos interesses prevaletentes do capitalismo. As igrejas neopentecostais investigadas expressam um intenso e violento processo de inculcação ideológica de maneira hegemônica e apresentam uma forte aderência social dos sujeitos participantes dos cultos.

Os discursos religiosos da TD proferidos por líderes em cultos e repetidos pelos fiéis, funcionam como estratégia de persuasão dos segmentos religiosos ligados a pentecostais e neopentecostais e traduzem um refinamento dos preceitos teológicos que exprimem a tomada do poder

em nome de Deus, ou seja, expulsar o diabo da política. As igrejas demonizam seus inimigos no campo religioso, político e econômico, bem como associam a figura do diabo a um conjunto de coisas ruins e malignas que devem ser combatidas. O diabo representa a personificação do mal presente na política e, dessa maneira, cabe aos fiéis expulsá-lo da administração pública, junto de todas as suas pautas sociais que vão de encontro ao pensamento ultraconservador.

Para garantir a felicidade da nação, é necessário que cada crente vote em ungidos da igreja. Portanto, pautados em estratégias discursivas de temor e condenações ao inferno, as lideranças religiosas investigadas visam derrotar um suposto adversário espiritual e político, do mesmo modo que fortalecem seus processos de legitimação e manutenção da dominação.

O poder de persuasão acarreta aderência de uma população anestesiada pela preocupação e medo das punições por toda a eternidade. Os fiéis cedem as estratégias e elegem políticos associados ao campo religioso. Assim, a escolha desses representantes contribui para a existência de uma supremacia religiosa, o que distinguiria os abençoados dos amaldiçoados.

Em uma visão dominionista, é fundamental a criação de um governo de ungidos, inspirados em valores da TD. A participação de pentecostais e neopentecostais na arena política, orientada pela ótica da TD, caminha de forma harmoniosa com a tese dominionistas a qual compreende o domínio sobre toda a Terra, seus recursos e suas instituições por seus escolhidos.

A cada pleito eleitoral isso vem sendo semeado e ganhado espaço em diversos campos sociais, conforme apontado nesse estudo. No entanto, é importante frisar as limitações no recorte amostral e locus de investigação. Portanto, é necessário prosseguir com as investigações sobre o crescimento da TD no campo político, ampliando os horizontes quantitativos e qualitativos da pesquisa para outros cenários com o propósito de compreender sua expansão e entronização em espaços públicos e sua influência no cenário sociopolítico brasileiro.

Referências

- AGUIAR, Reinaldo. O Deus é mais: a supremacia da fé evangélica na ótica dos atletas de cristo. *Revista Brasileira de História das Religiões* (Paraná), v. 3, p. 229-252, 2011.
- BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições (Portugal), 70, p. 228, 1977.
- BARROS, Albani; SILVA, Natanna; SANTOS, Rejane Farias. Apontamento sobre a crítica de alienação religiosa. *Ciências Humanas e Sociais* (Alagoas), v. 5, p. 103- 116, 2019.
- BRASIL. Resolução nº 510. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. 2016. Disponível em: www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf. Acesso: 17/09/2024
- CASARÕES, Guilherme. Religião e poder: a ascensão de um projeto de “nação evangélica” no Brasil?. *Interesse Nacional* (São Paulo), v. 49, p. 9-16, 2020.
- CHO, Jeasik; TRENT, Allen. Validity in qualitative research revisited. *Qualitative Research Journal* (United Kingdom), v. 6, p. 319-340, 2006.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. Editora Ática (São Paulo), 2002.
- CLARKSON, Frederick. The Rise of Dominionism: Remaking America as a Christian Nation. Disponível em: <https://www.politicalresearch.org/2005/12/05/the-rise-of-dominionismremaking-america-as-a-christian-nation>. Acesso em: 19/09/2024.

- CUNHA, C. O pânico sobre a Teologia do Domínio e a cegueira sobre a ganância laica. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/637556-o-panico-sobre-a-teologia-do-dominio-e-a-cegueira-sobre-a-ganancia-laica>. Acesso em: 19/09/2024.
- ENLOW, Johnny. *O Renascimento Dos Sete Montes*. Chara (Distrito Federal), p. 294, 2018.
- FERIANI, Gabriela de Paula et al. A prática da observação sistemática para a formação do(a) psicólogo(a): relato de experiência. *Aletheia* (Canoas), v. 54, p. 157-164, 2021.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. Vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- KOLAKOWSKI, Leszek. A política e o Diabo. *Revista da USP* (São Paulo), n. 6, p. 29-38, 1990.
- MARTINS, Eduardo. O medo como fonte de persuasão, manutenção e crescimento dos neopentecostais. *Revista Kínesis* (São Paulo), v. 1, p. 22-34. 2009.
- MEDEIROS, Renata; VIANA, José. A teologia do domínio e alguns dos seus desdobramentos psicológicos, sociais e políticos no Brasil. *REAL – Repositório Institucional* (Rio de Janeiro), v. 1, 2022.
- MELLO NETO, Gustavo; SILVA JUNIOR, Mauricio. A Sedução divina no neopentecostalismo: um estudo psicanalítico. *Revista Mal-estar e subjetividade* (Fortaleza), v. 10, p. 757-786, 2010.
- MICHELAT, Guy. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. Livraria e Editora Polis LTDA (São Paulo), p. 191-212, 1987.
- MOREIRA, Ana Paula. Estratégias discursivas de persuasão no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise sistêmico-funcional. 126f. Dissertação de Mestrado (Rio de Janeiro), UERJ, 2010.
- PEÑA-ALFARO, A. Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neo-pentecostal. 238f. Tese de Doutorado (Pernambuco), UFPE, 2005.
- PEREIRA, Eliseu. Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo. *Projeto História* (São Paulo), v. 76, p. 147-173, 2023.
- PIERUCCI, Antônio. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. In: PIERUCCI, Antônio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. Hucitec (São Paulo), p. 32-104, 1996.
- ROCHA, João. Para entender a perigosa “teologia da dominação”. Entrevista, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/637313-para-entender-a-perigosa-teologia-da-dominacao>. Acesso em: 05/09/2024.
- ROMANO, Roberto. Contra todas as teocracias. *Jornal da Unicamp*, 2019. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/artigos/roberto-romano/contra-todas-teocracias/>. Acesso em: 03/09/2024.
- SOUZA, André; ABUMANSUR, Edin; LEITE JÚNIOR, Jorge. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais. *Horizontes Antropológicos* (Rio Grande do Sul), v. 25, p. 385–410, 2019.
- SYLVESTRE, Josué. *Irmão vota em irmão: os evangélicos, a constituinte e a Bíblia*. Pergaminho (Brasília), 1986.
- VAZQUEZ, Ana Carolina. Fascismo e O Conto da Aia: a misoginia como política de Estado. *Revista Katálysis* (Santa Catarina), v. 22, p. 597-606, 2019.
- VOLTAIRE, François. *Deus e os homens*. 2. ed. Martins Fontes (São Paulo), 2000.

Submetido em 28/01/2025

Aprovado em 18/06/2025